

Os Valores da União Europeia à Luz de Calvet de Magalhães

Isabel Maria Freitas Valente

Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra (Doutoranda, Altos Estudos Contemporâneos)

Um dos diplomatas mais prestigiados de Portugal, Calvet de Magalhães foi, pioneiro na chamada “diplomacia económica” e um dos grandes protagonistas da adesão de Portugal à Europa. Ao analisarmos a sua vida e obra descobrimos o sinete do liberalismo, do humanismo kantiano, da interculturalidade. Pensamento e voz que ontem como hoje continuam de viva actualidade, que souberam aliar a graça do estilo à elevação do seu ideal – a diplomacia como sinónimo de paz e o caminho euro-atlântico para Portugal. Mais do que semeador de ideias atlantistas, americanas, europeias, com pertinácia e nobre isenção, possuidor de um sólido conhecimento sobre a Europa e sobre as relações externas de Portugal, deixou-nos obra escrita que, estamos em crer, desafiará a acção do desgaste do Tempo, e chegará até as gerações vindouras com marca de actualidade e contemporaneidade.

Parte essencial da sua actividade diplomática e intelectual foi dedicada à procura e à consolidação de um caminho europeu para Portugal e de uma relação sólida com a América. Como se sabe, os políticos e intelectuais portugueses, regra geral mostraram grande interesse ou apetência em relação ao movimento europeu, nem participaram nos diversos encontros internacionais realizados no Pós-guerra. Excepções, no entanto, existiram. Cabe aqui relevar a actividade intelectual e diplomática de Calvet de Magalhães na procura de um caminho europeu para Portugal, numa época e num país ainda marcados, na sua política externa e de segurança, pelo pensamento geopolítico atlantista ou pelo isolacionismo nacionalista. Do estudante ao diplomata, do historiador ao escritor, do filósofo ao pedagogo, do cidadão ao político, o percurso e obra deste intelectual multifacetado situam-se entre a unidade e diversidade, pensamento e acção, realidade e utopia, singularidade e complexidade.

Podemos ao longo da sua vasta obra seguir a trama do seu pensamento e acção, através da sua *pena e voz* que incessantemente fazem a apologia da paz como valor e a diplomacia como seu instrumento – esta é a sua concepção kantiana da diplomacia pura. Para Calvet de Magalhães, a função essencial do diplomata é a de “fazedor da Paz”. A Paz constitui assim um traço forte do humanismo de Calvet de Magalhães que se constitui como um herdeiro do “pensamento liberal e humanitário” da escola de Andrade Corvo⁽¹⁾, bem como do pensamento liberal da geração de 70, de Eça de Queirós e de Antero de Quental, a quem, aliás, dedicou duas biografias, a par dos estudos sobre Garrett, “um ardente combatente do liberalismo.”

Também não pode deixar de nos interessar o debate surdo entre europeístas e isolacionistas que atravessou a diplomacia portuguesa logo desde o final da Segunda Guerra Mundial. Calvet de Magalhães foi desde muito novo um grande entusiasta da integração europeia, pelo que não é de estranhar que tenha sido, com o Embaixador Ruy Guerra, um dos promotores da política de integração europeia. Como o próprio escreveu o seu “ideal de unidade europeia era anterior à Segunda Guerra Mundial, ao Congresso da Haia e à criação das comunidades europeias. Estas surgiram para mim, como para os europeístas da minha geração, discípulos de Coudenhove-Kalergi, como meios ou processos para alcançar a almejada integração política europeia”.⁽²⁾

Como refere Álvaro de Vasconcelos “parte essencial da actividade diplomática e intelectual de Calvet de Magalhães foi a procura de um caminho europeu para Portugal e de uma relação sólida com os Estados Unidos, como campo de aplicação do exercício da diplomacia pura.”⁽³⁾ Acresce que todo o seu pensamento recusa o nacionalismo ideológico, causa da terrível tragédia europeia e mundial. Ao nacionalismo opõe o

patriotismo que assenta “num amor tranquilo pela sua Pátria, o amor natural dos seus, que não se alimenta da desconfiança nem de ódios e rancores pelas outras nações. Bem pelo contrário, é enorme a sua admiração por todas as nações em que viveu e trabalhou, sejam os Estados Unidos, a França, ou a Itália.”⁽⁴⁾ Desta maneira, Calvet de Magalhães entusiasmou-se com cada etapa do processo de união política europeia, alargando e aprofundando a sua reflexão europeia, “agora em condições muito mais favoráveis à concretização dos seus desígnios de defensor de um verdadeiro federalismo.”⁽⁵⁾

(1) Ministro dos Negócios Estrangeiros de 1871 a 1879.

(2) José Calvet de Magalhães, “Francisco Lucas Pires – um cidadão europeu”, *O Mundo em Português*, n. 58, Abril/Maio 2005.

(3) Cf. Álvaro de Vasconcelos, *Conversas com José Calvet de Magalhães – Europeístas e Isolacionistas na Política Externa portuguesa*, Lisboa, Editorial Bizâncio, 2005, p.11.

(4) *Idem*, p.11.

(5) Álvaro de Vasconcelos, *op. cit.* p.13.